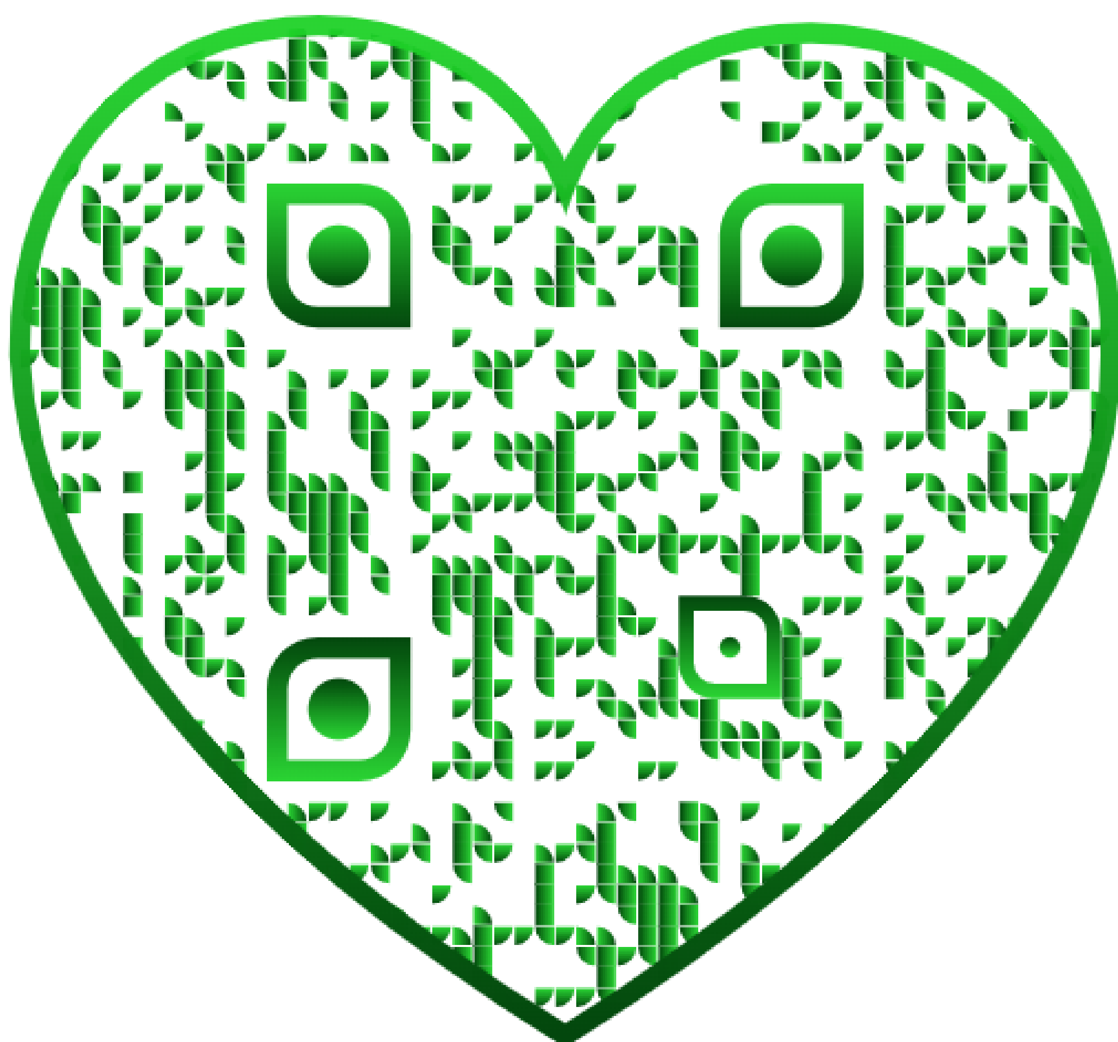
Quase sem querer

VANESSA MARQUES



QUASE SEM QUERER

VANESSA MARQUES

Copyright © 2015 Vanessa Marques

Capa: Intuição Design

Revisão: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e

acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Se alguém me dissesse há alguns dias, que eu estaria sentada em um shopping esperando me encontrar com alguém que conheci em um *chat* na internet, eu diria que essa pessoa certamente estava embriagada.

No entanto, aqui estou eu. Sentada na praça de alimentação, em frente a um restaurante, esperando

o tal *Snow31*. Tá! Eu sabia que esse não era o verdadeiro nome dele, mas certamente havia vários motivos para eu estar me cagando de medo.

E se por trás daquele ar de príncipe do cavalo branco se escondesse um lobo? Tudo bem que toda Chapeuzinho sonha com um pouco de maldade, mas eu não quero ser notícia principal do jornal mais sanguinário do bairro.

Assustei-me com todas

as pessoas que passavam perto de mim, achando que alguma portaria um pano embebido em éter e me raptaria sem me dar a chance de lutar. E quando um rapaz bem mais jovem do que eu se aproximou, eu parecia o Jackie Chan pronto para enfrentar toda a dinastia chinesa. Ok! Eu estava surtando rápido demais.

Um apito no celular retomou a minha esperança. Seria ele

cancelando essa loucura? Para meu azar, era apenas Laís me torturando por estar mais alerta do que deveria: “Você está parecendo que vai se encontrar com Jack, o Estripador”. Revirei os olhos. Ela se divertiria às minhas custas pelo resto da vida.

Sempre que via em noticiários que alguém era violentado nesses encontros, eu condenava a pessoa por ser tão burra.

Quem marcava um encontro com um desconhecido e não levava uma companhia? Esse era o motivo da minha melhor amiga estar aqui. Ela era minha segurança, apesar de eu duvidar muito da sua capacidade de me defender.

Ordenei que meus nervos parassem de entrar em colapso. Não fazia sentido estar tão neurótica assim. O risco que corria era o mesmo que conhecer alguém na balada. Nós

íamos conversar, coisa que já fazíamos todos os dias, e talvez comer algo. Viu? Nada para se alarmar.

— Lea? — Congelei. Nada de mais é o escambau!

Senti meus nervos pararem naquele momento. Virei-me lentamente. Talvez se ele visse meu olhar de pânico tivesse pena da minha pobre alma inocente. Perdi o compasso quando vi o sorriso que ele me direcionava. Marco era

bonito como nas fotos. Talvez até demais e estava vestido exatamente como combinamos. “Deus! Que ele não seja um assassino”, supliquei.

— Olá. — Minha voz me traiu deixando claro todos os meus receios.

A multidão ao nosso redor percebeu meu nervosismo e tornou tudo ainda mais difícil. Com o barulho era impossível de conversar.

— Podemos ir para outro lugar? — Minha cabeça sacudiu sem que pudesse controlar. Ir para outro lugar significava sair de perto da minha segurança. — Eu não vou te machucar, Lea. — Sua voz transmitia segurança, mas o medo não dava uma trégua.

— Acho melhor ficarmos aqui mesmo — sussurrei. Não queria passar a imagem de uma pessoa tresloucada, mas sentia que

era exatamente isso que ele sentia.

— Tudo bem. — Sorriu. — Sei o quanto conhecer alguém pode ser assustador. Acredite, para mim também é.

Ele emanava tanta sinceridade que me fazia relaxar. Marco e eu conversamos como fazíamos todas as noites pelo *Skype*. O assunto ia e vinha com facilidade e quando dei por mim, já estava falando mais do que

devia. Estava parecendo uma verdadeira vitrola desenfreada. Fechei a boca quando percebi que não existia mais freio. Senti como se nos conhecêssemos há anos.

— Está ficando tarde. — Ele observou a hora em seu celular. — Quer uma carona para casa?

E lá estava ele! O medo sondando uma brecha para entrar. Teria algo demais em aceitar um simples carona? “Se ignorar o fato

dele te estuprar e jogar na primeira vala existente no trajeto”, minha mente inimiga lembrou. No caminho para casa havia um riacho. Merda!

— Vim com uma amiga. — Não era de todo uma mentira. Laís realmente tinha vindo comigo, mas ido embora quando percebeu que Marco não representava mais perigo. Que amiga da onça ela era.

— Você mente muito mal, sabia? — Cobri o rosto

com as mãos. Era incrível como ele me conhecia tão bem, mesmo à distância. — O que está pegando, Lea?

— Tirando o fato de que minha mente se recusa a acreditar que você não vai cortar meu corpo em pedacinhos e comer no café da manhã? Nada de mais. — O alívio percorreu meu corpo ao dizer essas coisas em voz alta.

— Bem — Ele riu. —, não creio que seja interessante para uma

pessoa que quer se tornar juiz ter esse tipo de crime no currículo. E se for te tranquilizar... — Marco se aproximou. — Eu não como carne.

Sorri. Ainda era loucura, mas eu ia confiar nesse homem tesudo com um sorriso de arrancar calcinhas.

Durante todo o trajeto, evitei pensar em mil e uma formas de ele descartar meu corpo. Para completar minha paranoia, umas das

ruas que davam acesso a minha estavam sem luz, o que deixava meus nervos a ponto de explodir. *É só uma carona*, repetia mentalmente tentando não pirar. Marco puxava assunto tentando fazer com que eu relaxasse um pouquinho que fosse, mas enquanto eu ficasse sozinha em um carro com ele, duvidava que isso fosse possível.

Quando o carro entrou na minha rua, eu congelei de novo. E se ele quisesse

roubar minhas coisas? *Para!*, ordenei a mim mesma. Estava passando dos limites. Por via das dúvidas, pedi para que ele parasse na casa da vizinha que eu sempre detestei. Sei que isso parecia muito feio, mas quando éramos crianças ela sempre roubava minhas bonecas favoritas.

— Você mora aqui? — Senti-me incomodada por sua pergunta. Por que mentir era tão difícil?

— Do outro lado da rua — admiti. — É mais fácil descer aqui.

Ele sorriu e meu coração vacilou. Então, era isso? Depois de tanto desespero, de tantas noites acordadas isso acabaria em alguns minutos? Respirei fundo, precisava manter meus sentimentos confusos sob controle.

— Sei que provavelmente essa vai ser a última vez que você vai querer falar comigo e me

desculpe por ser essa pessoa medrosa que você conheceu, mas...

Fui silenciada por um beijo inesperado e, pela primeira vez naquela noite, eu tive a certeza de que ele não era um *serial killer*. Ele era o meu *Snow31* e, como diria Olaf, o meu abraço quentinho.